

© Maria Eunice Moreira e Luís Bueno (Orgs.)

# A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOIOS

**PROJETO GRÁFICO, CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA**

RACHEL CRISTINA PAVIM

**REVISÃO FINAL**

DOS ORGANIZADORES

**ILUSTRAÇÃO DA CAPA**

Detalhe de *Dança dos Tapuias*,  
de Albert Aeckhout (c. 1610-1665)

*SÉRIE LETRAS DO BRASIL*, N. 7

A logomarca da série Letras do Brasil é um desenho de Patrícia Cardoso

COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS. SISTEMA DE BIBLIOTECA. UFPR.

---

Araguaia, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde de,  
1811-1882

A confederação dos Tamoios / por Domingos José Gonçalves  
de Magalhães; organizadores Maria Eunice Moreira, Luís Bueno. –  
Curitiba : Ed. UFPR, 2007.

210p. – (Letras do Brasil; n. 7)

Edição fac-similar seguida da polêmica sobre o poema  
ISBN: 9788573351842

1. Poesia brasileira. I. Moreira, Maria Eunice, 1945-. II. Bueno,  
Luís. III. Título.

CDD B869.1

---

Andrea Carolina Grohs nº 9/1.384

ISBN 978-85-7335-184-2

REF. 475

**DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À**

EDITORA UFPR

RUA JOÃO NEGRÃO, 280 – CENTRO

TEL. (41) 3360-7489 / FAX (41) 3360-7486

CAIXA POSTAL 17.309

80010-200 – CURITIBA – PARANÁ – BRASIL

editora@ufpr.br

www.editora.ufpr.br

**2007**

## 1 - Ig (José de Alencar), Carta primeira<sup>24</sup>

Meu amigo.

Não é um juízo crítico que pretendo escrever sobre o poema do Sr. Magalhães; nem tenho habilitações, nem tempo para o fazer com a calma e o estudo preciso.

São apenas as impressões de minha leitura, que desejo comunicar-lhe, para que as publique se entender que o merecem, e que são justas.

O pensamento do poema, tirado dos primeiros tempos coloniais do Brasil, é geralmente conhecido; era um belo assunto que, realçado pela grandeza de uma raça infeliz, e pelas cenas da natureza esplêndida de nossa terra, dava tema para uma *divina epopéia*, se fosse escrito por Dante.

O Sr. Magalhães tratou este assunto em dez cantos, e ligou à ação principal, à ação da epopéia, um pequeno drama de amor, que tem alguns lindos episódios<sup>25</sup>.

Como não escrevo um juízo crítico, mas sim as idéias que me produziu a leitura do livro, irei fazendo as minhas reflexões pela mesma ordem em que o meu espírito as formulou.

O primeiro canto começa por uma invocação ao sol e depois aos gênios do Brasil. A primeira parte é fria: o sol de nossa terra, esse astro cheio de esplendor e de luz, devia inspirar versos mais cheios de entusiasmo e de poesia.

A segunda parte tem beleza; ressumbra aí essa doce melancolia que sente o espírito quando considera nesse vasto solo habitado por tantas raças que desapareceram da face da terra, que pereceram ou emigraram para regiões desconhecidas.

A tradição dos índios do Norte falava de uma grande peregrinação feita pela raça tapuia quando a nova raça invasora dos tupis se assenhorou de suas terras; talvez a invasão dos portugueses tenha produzido o mesmo resultado.

Depois da invocação segue a descrição do Brasil: há nesta descrição muitas belezas de pensamento, mas a poesia (tenho medo de dizê-lo), não está na altura do assunto.

Se me perguntarem o que falta, decerto não saberei responder; falta um quer que seja, essa riqueza de imagens, esse luxo da imaginação que forma na pintura, como na poesia, o colorido do pensamento, os raios e as sombras, os claros e escuros do quadro.

Parece-me que Virgílio, que descreveu a Itália, Byron a Grécia, Chateaubriand as Gálias, Camões os mares da Índia teriam achado no sol do Brasil algum novo raio, alguma centelha divina para iluminar essa tela brilhante de uma natureza virgem e tão cheia de poesia.

Parece-me que o gênio de um poeta em luta com a inspiração, devia arrancar do seio d'alma algum canto celeste, alguma harmonia original, nunca sonhada pela velha literatura de um velho mundo.

Digo-o por mim: se, algum dia fosse poeta, e quisesse cantar a minha terra e as suas belezas; se quisesse fazer um poema, pediria a Deus que me fizesse esquecer por um momento minhas idéias de homem civilizado.

Filho da natureza, embrenhar-me-ia por essas matas seculares; contemplaria as maravilhas de Deus, veria o sol erguer-se no seu mar de ouro, a lua deslizar-se no azul do céu; ouviria o murmúrio das ondas e o eco profundo e solene das florestas.

E se tudo isto não me inspirasse uma poesia nova, se não desse ao meu pensamento outros vãos que não esses adejos de uma musa clássica ou romântica, quebraria a minha pena com desespero, mas não a mancharia numa poesia menos digna de meu belo e nobre país.

Brasil, minha pátria, por que com tantas riquezas que possuis em teu seio, não dás ao pensamento de um dos teus filhos todo o reflexo de tua luz e de tua beleza? Por que não lhe dás as cores de tuas palhetas, a forma graciosa de tuas flores, a harmonia das auras da tarde?

Por que não arrancas das asas de um dos teus pássaros mais garridos a pena do poeta que deve cantar-te?

E entretanto a civilização aí vem; o vagão<sup>26</sup> do progresso fumega e vai precipitar-se sobre essa teia imensa de trilhos de ferro que em pouco cortarão as tuas florestas virgens; os turbilhões de fumaça e de vapor começam a enovelar-se, e em breve obscurecerão a limpidez dessa atmosfera diáfana e pura.

A natureza veste-se com as roupagens da arte e da civilização, e a natureza é como a Vênus afrodita, que saiu nua dos seios das ondas, e que as *Grças* não se animaram a vestir; a natureza saiu nua das mãos de Deus, e as mãos dos homens não podem tocá-la sem ofendê-la.

Quem sabe! Talvez isto seja necessário. O Brasil, em toda a sua beleza natural, ofusca o pensamento do homem como a luz forte, que deslumbra a vista e cega; é preciso que essa luz perca um pouco de sua intensidade para que olhos humanos possam se habituar a ela.

la-me esquecendo o poema: é natural. A descrição do Brasil inspira-me mais entusiasmo do que o Brasil da descrição.

O trecho sobre o Amazonas tem alguns versos lindíssimos, algumas imagens muito felizes, mas é longo, e o poeta parece ter esgotado nele toda a sua inspiração, que fez-lhe falta na descrição do Paraná.

A pintura da vida dos índios não tem, na minha opinião, a menor beleza; uma página de um viajante qualquer a respeito da vida nômade dos árabes do deserto é mais cheia dessa poesia da liberdade selvagem do que a parte do poema a que nos referimos.

Demais, o autor não aproveitou a idéia mais bela da pintura: o esboço histórico dessas raças extintas, a origem desses povos desconhecidos; as tradições primitivas dos indígenas davam por si só matéria a um grande poema, que talvez um dia alguém apresente sem ruído, sem aparato, como modesto fruto de suas vigílias.

Mas, deixando de parte esse tema dos *Nibelungen* brasileiros, que não estava no pensamento de seu poema, devia o autor ao menos tirar dele todo o recurso de um poeta épico, que procura elevar a grandeza e a majestade dos seus heróis.

Se bem me lembro, em todas as epopéias que conheço, o autor não se descuida desse ornamento; todos dão uma origem divina, ou ao menos heróica, ao povo que pretendem cantar; assim fizeram Homero, Virgílio e Camões.

Que bela e graciosa lenda não se podia tirar dessas tradições mexicanas, hoje tão conhecidas! Que tesouro de poesia não há a explorar nessas imagens ainda não gastas e usadas!

O primeiro canto termina com a apresentação em cena do herói do poema, e com um episódio da morte do filho de um cacique índio.

Aimbiré, o herói, depois de percorrer todas as tribos tamoias, chega à Gávea, e aí encontra Pindobuçu<sup>27</sup> com sua filha, que davam sepultura ao jovem guerreiro morto.

Essa filha é a heroína do poema; o seu encontro com Aimbiré é de tal maneira que nunca o leitor poderia adivinhar que ela teria de representar o papel importante que se lhe destina.

O poeta, talvez fatigado de descrições, não teve uma palavra para exprimir a beleza da jovem Índia lacrimosa, consolando seu velho pai: essa dor mútua, esse quadro de tanto sentimento, passa despercebido.

Foi substituído pela saudação de Aimbiré à Guanabara, sua formosa terra; e pela narração cheia de força e de colorido, que faz Pindobuçu da morte de seu filho.

Até aqui tenho seguido o poema quase verso por verso; agora que cheguei ao fim do primeiro canto, permita-me, meu amigo, que dê largas a algumas reflexões, que de propósito calei, para não cortar o fio das idéias.

Um poema épico, como eu o compreendo, e como tenho visto realizado, deve abrir-se por um quadro majestoso, por uma cena digna do elevado assunto que se vai tratar.

Não se entra em um palácio real por uma portinha travessa, mas por um pórtico grandioso, por um peristilo magnífico, onde a arte delineou algumas dessas belas imagens que infundem admiração.

A *Confederação dos Tamoios* começa por um episódio: é a morte de um simples guerreiro índio, assassinado por dois colonos, que decide da aliança das tribos indígenas contra a colônia de S. Vicente.

Devemos confessar que a *causa* do poema, o *princípio* da ação não está de modo algum nas regras da epopéia. Derivar de um fato acidental e sem importância a luta de duas raças, a extinção de um povo e a conquista de um país é impróprio da grandeza do assunto.

Compare-se neste ponto com os poemas conhecidos e ver-se-á o contraste: Milton deriva a sua ação da rebelião de Satanás; Virgílio, da destruição de Tróia; Homero, do rapto de Helena; o Tasso, das cruzadas; Camões, do espírito de conquista e navegação.

Há pois nestes poemas como *causa*, ou um grande infortúnio, ou um sentimento poderoso como a nacionalidade e a religião, ou um acontecimento importante como a descoberta de um novo mundo.

O Sr. Magalhães serve-se da vingança, mas uma vingança produzida por um fato trivial, um fato bem comum, como era a morte de um índio, nesse tempo de hostilidades constantes entre os invasores e os indígenas.

Na minha opinião o Sr. Magalhães teria feito melhor se abrisse o seu poema pelo conselho dos chefes tamoios que tem lugar no 2.º canto; e se depois, explicando a causa da confederação, fizesse valer o sentimento nacional, a liberdade, o cativoiro dos índios.

Quanto à metrficação, meu amigo, concordo inteiramente com a sua opinião: o poeta no seu poema descuidou-se inteiramente da forma, o que aliás é natural, pois o estudo da poesia estrangeira provavelmente fez-lhe perder o gosto apurado e a suavidade e cadência do verso português.

Há no seu poema um grande abuso de hiatos e um desalinho de frase que muitas vezes ofende a eufonia e doçura de nossa língua; tenho encontrado nos seus versos defeitos de estilo e dicção que um simples escritor de prosa tem todo o cuidado de evitar para não quebrar a harmonia das palavras.

Abra o poema e verá elipses repetidas, sobretudo na conjunção *com*; o que não só denota fracos recursos de metrficação, como torna o verso pouco sonoro e cadenciado.

Que Dante na sua *Divina Comédia*, criando ao mesmo tempo um poema e uma nova língua, recorresse a esses expedientes; que alguns antigos poetas portugueses, obrigados pela rima, usassem desse meio de encurtar palavras, compreende-se.

Mas em verso solto, e em verso escrito na língua portuguesa, tão rica, é inadmissível esse abuso: um poeta português,<sup>28</sup> um verdadeiro poeta, não tem licença para estropear as palavras e fazer delas vocábulos ininteligíveis, enfileirados em linhas de onze sílabas.

Parece-lhe talvez, meu amigo, que vou expor-lhe uma nova *arte poética*; mas não tenha susto. Só lhe direi que a célebre *libertas dada pictoribus atque poetis* por Horácio é uma doação revogável para os herdeiros do grande mestre;

e estes não tardaram a usar do seu direito, abolindo as elipses ásperas como anarquia, e não liberdade poética.

Não o desejo mais fatigar nesta primeira carta; desculpe o tom familiar em que é escrita; e se a quiser publicar não lhe dê por forma alguma os foros de *artigo*. O estilo epistolar presta-se pouco à gravidade e erudição de uma crítica de imprensa.

Não repare também se alguma vez fui demasiadamente severo em julgar a beleza de algumas descrições. Como sabe, vivo aqui retirado numa casinha de campo que meu amigo conhece; sou o verdadeiro tipo do anacoreta do século dezanove, que lê o jornal pela manhã, e à noite joga o seu voltarete.

O resto do tempo leio; mas não leio no livro dos homens, e sim no livro da natureza, onde todos os dias encontro um novo pensamento, uma nova criação.

O sol, que para os homens da cidade é sempre o mesmo astro, que de manhã acorda os preguiçosos, às duas horas dá sombra às calçadas das ruas, e às cinco diz que chegou a hora do passeio, para mim, para o meu pequeno mundo, formado por uma casinha, um fio d'água e algumas árvores, é outro bem diferente.

Cada um dos seus raios é um poema, cada uma das centelhas de sua luz é uma poesia brilhante, cada um dos instantes de sua carreira é um ciclo em que a imaginação percorre outros mundos, outras eras remotas e desconhecidas.

Já vê pois que tenho razão de ser difícil em matéria de beleza plástica, e mesmo de metrificação: o ouvido habituado ao frouxo roçar das folhas, ao murmurejo das ondas, aos cícios das brisas, a essas *folhas de rosas* da harmonia, não pode sofrer certos versos com a mesma indolência do ouvido acostumado ao rodar das seges e ao burburinho das ruas.

Adeus, meu amigo. Domingo lhe mandarei uma segunda carta.

10 de junho

Ig

## 2 - Ig (José de Alencar), Carta segunda<sup>29</sup>

Meu amigo

Depois que lhe escrevi a minha primeira carta, quase que arrependi-me. Duvidei de mim para não duvidar do poeta e do livro, filho de tantos anos de estudo e de meditação.

É que, à medida em que prosseguia na minha leitura, o meu espírito ia sofrendo, uma após outras, tristes decepções. Onde esperava achar uma poesia soberba, apenas encontrava alguns versos, e uma imagem fria e pálida das belezas que sonhara.

Já lhe disse que tinha razões de ser difícil no que toca às descrições da natureza americana, tão cheia de vida, de graça e de encanto; agora ainda estou mais impertinente a esse respeito, e eu lhe digo a razão.

Apenas concluí o primeiro canto, veio-me uma vaga reminiscência de uns quadros da vida selvagem, dessa vida poética dos índios, que em outro tempo tanto me impressionaram. Era uma saudade de alguma coisa que havia pensado, ou que tinha lido outrora.

Insensivelmente percorri com os olhos um dos raios de minha livraria, e dei com um volume de Chateaubriand: abri-o, e li as primeiras páginas. Todas as minhas doces reminiscências vieram pousar, como enxame de abelhas sobre uma flor, nesta primeira folha do livro dos *Natchez*.

Com efeito, meu amigo, quem leu essa poesia simples e graciosa, inspirada pela natureza virgem da América; quem admirou essa imaginação vigorosa e sentiu essa inspiração ingênua e natural como a alma dos filhos primitivos de nossas florestas não pode deixar de entristecer-se lendo o nosso poema nacional.

O Brasil, o filho do sol, com todo o seu brilho e seu luxo oriental, com toda sua esplêndida beleza, cede a palma à América do Norte; o Ohio e o Mississipi vencem o Amazonas e o Prata<sup>30</sup>; as regiões setentrionais ofuscam os raios do meridiano!

É verdade que elas tiveram a pena de Chateaubriand para descrevê-las, e a alma de um grande poeta para sentir e compreender o que havia nelas de grande e de sublime.

Deixo porém essas páginas perfumadas com a suave fragrância dos aloés e das acácias, com o aroma das flores silvestres, e volto ao nosso poema. Antes não me tivesse lembrado de ler os *Natchez*! Estaria com o espírito mais disposto a receber a impressão de alguma bela idéia.

O segundo canto, de que já lhe dei um ligeiro esboço, contém a reunião do conselho dos chefes tamoios; e um discurso que pronuncia o herói, contando ele próprio os seus feitos, e fazendo o seu panegírico.

A maneira por que começa este canto causou-me uma verdadeira surpresa. Quando, possuído das idéias que já lhe comuniquei na outra carta, voltei a página e li os primeiros versos, fiquei realmente admirado, meu amigo.

Sabe que o pensamento do poeta é a luta de morte que se travou entre duas raças inimigas, luta que devia decidir da sorte de uma delas: os índios, resolvidos a vencer ou morrer, formam essa poderosa confederação que é o assunto principal da epopéia.

O herói conseguiu ligar todas as tribos para essa cruzada libertadora de sua pátria, para essa vingança tremenda das vítimas por muito tempo sacrificadas aos caprichos dos opressores. O último chefe, que não fora ainda consultado, deu a sua adesão; nada mais falta; a ação vai pois começar, quando termina o primeiro canto.

Abre-se o segundo.

Diga-me, meu amigo, se ler um poema ou um drama, nas circunstâncias que acabei de descrever, como esperará ver começar o segundo ato?

Naturalmente suporá que o poeta lhe vai apresentar uma cena grandiosa, um desses quadros majestosos em que a força, a coragem e o heroísmo é realçado por essa poesia primitiva e natural, que, na frase de Chateaubriand, assemelha os selvagens a heróis de Homero.

Sem dúvida pensará que essa luta gigantesca, que deve acabar pelo extermínio de uma raça e pela conquista de um império<sup>31</sup>, há de começar por um desses fatos que preludiam os grandes acontecimentos e servem de prólogo às revoluções de um povo, às épocas históricas de uma raça<sup>32</sup>.

Esperará decerto que o poeta que vai cantar essa poderosa confederação de tantas tribos ligadas por uma causa santa, pelo amor da pátria e o amor da liberdade, vai preparar o seu espírito para acompanhá-lo nos vãos do pensamento que tem de descrever uma guerra homérica.

Pois bem, meu amigo; possua-se dessas fortes emoções, eleve a imaginação até a lembrança daqueles combates ilíacos, daquelas justas dos guerreiros antigos; compenetre-se bem do assunto, volte a página do livro e leia comigo:

P'ra acabar co'os ataques reiterados  
Dos lusos, confederam-se os tamoios.

Eis o começo do segundo canto.

Eis a causa dessa grande confederação que merece uma epopéia! Eis o motivo dessa guerra de morte, dessa vingança estrondosa! Eis o princípio de um drama terrível que acaba pela destruição de um povo!

Não é pelo ódio instintivo da cor, não é pelo opróbio e a vergonha de homens livres reduzidos à escravidão, não é pelo seu belo país, dominado por filhos de terras estranhas; não é para vingar as cinzas de seus pais, não é por nenhum desses incentivos nobres<sup>33</sup> que os tamoios se confederaram: é unicamente *para acabar com os ataques reiterados dos lusos*.

Bem vê, meu amigo, que tinha razão, dizendo-lhe que fiquei surpreendido: causou-me o mesmo efeito que se ouvisse no teatro um ator pronunciar rindo-se o *He has no children* de Shakespeare em *Macbeth*, ou o *Tu quoque mihi, Brute*, de Cesar.

Para mim um poeta, e sobretudo um poeta épico, deve ser ao mesmo tempo autor e ator: como autor ele prepara a cena, ordena a sua decoração, e tira todo o partido da ilusão teatral; como ator é obrigado a dar a todos as suas palavras, ao seu estilo, um tom e uma elevação que esteja na altura do pensamento.

Ninguém ignora que os ataques reiterados dos lusos tivessem por fim escravizar os índios, expulsá-los de suas terras, e que resistindo a eles os tamoios defendiam sua pátria, sua liberdade e sua religião; mas é preciso exprimir os grandes sentimentos com a sua linguagem própria: as palavras são como as vestes do pensamento, que ora o trajam de galas e de sedas, ora de lã e de estamena.

Se quiser, meu amigo, apreciar um verdadeiro contraste, leia o segundo canto do *Paraíso Perdido*, no qual também se trata da reunião de um grande conselho. O poeta começa apresentando Satanás no seu trono, concitando as potências infernais:

High on a throne of royal state...

O Sr. Magalhães tinha elementos para criar uma cena igual: bastava-lhe pintar com as suas verdadeiras cores o aspecto do campo selvagem, a beleza dos guerreiros índios e dar a este quadro a solenidade própria de um conselho onde se decide dos destinos de um povo.

Mas pela leitura do poema tenho-me convencido que o poeta desdenha esses lances teatrais, esses efeitos cênicos, sem o que a epopéia e a tragédia nada são; prefere seguir o fio da sua história dividindo-a em capítulos, a que deu o nome de cantos.

Até aqui ainda não encontrei uma dessas descrições a que os poetas chamam quadros ou painéis, e nas quais a verdadeira, a sublime poesia revela toda a sua beleza estética, e rouba para assim dizer, à pintura as suas cores e os seus traços, à música as suas harmonias e os seus tons.

Talvez o poema do Sr. Magalhães ainda me reserve esta surpresa nas últimas páginas, que me faltam ler; entretanto, vou continuando a minha peregrinação literária pelo segundo canto.

Depois do começo infeliz de que falei, há um ligeiro esboço, no qual notei duas coisas: a primeira, é a repetição dessa tradição indiana que atribuía às águas do Carioca o dom de tornar a voz doce, tradição a que já havia aludido no princípio do poema<sup>34</sup>; a segunda é uma inexatidão histórica sobre o território habitado pelos tamoios.

Se bem me lembro, rezam as crônicas que a nação tamoia era um ramo da grande raça *tapuia*, que em tempos remotos possuía toda a extensão do Brasil. Muito antes da descoberta, conta a tradição que uma nova raça, a dos *tupis*, surgira do interior, descera o Amazonas até a Bahia, e fora expulsando a outra, que refugiou-se ao Norte, na Paraíba, Ceará e Pernambuco, onde ainda os portugueses a encontraram; e ao Sul desde a serra de Parabiabacaba até o Guanabara.

Portanto, parece-me que não é verídica a asserção de que os tamoios habitassem unicamente o território compreendido entre a serra dos Órgãos e o Cairuçu. Mas, seja como for, isto não é de tanta importância que valha a pena de ir folhear os meus cronistas.<sup>35</sup>

Reúne-se o conselho, e aparece *Aimbiré* proclamado o primeiro chefe. Lendo isto não pude deixar de me lembrar da bela descrição que há nos *Natchez* de um conselho dos guerreiros índios e dos seus discursos cheios desse vigor de linguagem, e desse colorido de imagens que só têm os filhos da natureza.

No retrato do herói, querendo dar uma idéia da sua ligeireza em atirar ao arco, o Sr. Magalhães ficou, para mim, aquém de J. Basílio da Gama, no seu poemeto do *Uruguai*. Há neste último mais simplicidade de forma, e ao mesmo tempo mais energia de pensamento.

Talvez não se recorde dos versos a que aludo, meu amigo, e por isso vou copiá-los uns a par dos outros, para que os compare e os julgue.

O Sr. Magalhães diz:

Aimbiré desde a infância se amestrara  
A certo enviar co'a seta a morte.  
Nem no rápido pulo lhe escapava  
O jaguar mais ligeiro sobre a rocha;  
Nem mesmo o gavião alto pairando,  
Nem pequeno pássaro burlavam  
Da seta alada o infalível tiro.

O que o autor da *Confederação dos Tamoios* disse em sete versos, J. Basílio exprime em menos palavras, porém, com mais força e beleza:

..... São tão destros  
No exercício da flecha, que arrebatam  
Ao verde papagaio o curvo bico,  
Voando pelo ar. Nem dos seus tiros  
O peixe prateado está seguro  
No fundo do ribeiro.

Lembro-me também de dois versos de Alvarenga no *Sonho*, os quais para mim são de um vigor e de uma expressão que contrasta com a pintura frouxa do poema:

Que o índio valoroso altivo e forte  
Não manda seta, em que não mande a morte.

Na descrição que se segue dos outros guerreiros há muitos pontos em que o poema se assemelha ao *Uraguai*, e em que algumas vezes é força confessar que J. Basílio, apesar de viver no tempo das musas e dos sátiros, compreendeu melhor a originalidade da vida selvagem.

Permita-me, meu amigo, que tome agora ares de comendador, para que não digam que invento, ou que falo de oitiva: não há remédio senão citar.

Larga, escamosa, verde-negra pele  
De enorme jacaré que ele matara,  
As espáduas lhe veste.

Isto é dos *Tamoios*; o seguinte é do *Uraguai*.

..... A verde-negra pele  
Que ao índio o largo peito orna e defende,  
Tornou a natureza impenetrável.

Diz ainda o Sr. Magalhães:

Nem ao lado lhe falta grossa aljava.

J. Basílio é mais natural, e mais expressivo.

E pelos peitos ao través lançada  
Por cima do ombro a verde faixa  
De onde ao lado oposto a aljava desce.

A pintura de Parabuçu, a quem o Sr. Magalhães procura dar um aspecto terrível, não respira a originalidade e a força de alguns versos do *Uruguai* sobre objeto análogo.

Parabuçu, de porte agigantado,  
De penas não se cobre; moço ainda,  
Quer espanto causar co'o hórrido aspecto  
Da figura; manchada, oncina pele  
Desde a cabeça, que no largo espaço  
Das abertas mandíbulas se enfia,  
Até o chão se estende; enorme casco  
De tatu lhe defende o peito e o ventre.

Leia agora esses cinco versos de J. Basílio:

Com a chata frente de urucu tingida  
Vinha o índio Cobé disforme e feio,  
Que sustenta nas mãos pesada maça  
Com que abate no campo os inimigos,  
Como abate a seara o rijo vento.

Não creia, meu amigo, que pretendo dar ao *Uruguai* os foros de um modelo de poesia brasileira; não: nem J. Basílio era um verdadeiro poeta nacional, embora nascido no Brasil, nem escreveu uma epopéia, mas um simples poemeto, um pequeno episódio.

Entretanto, apesar das *searas*, das *neves*, dos *pastores* e das *ninfas*; apesar do gosto da época em que viveu, teve alguns raios de inspiração, alguns bafejos das auras da nossa terra, como ainda não encontrei na *Confederação dos Tamoios*.

La escapando-me citar um trecho do poema que, exceção feita de algumas palavras comuns, achei lindíssimo, e repassado dessa poesia misteriosa das lendas e dos mitos.

É Aimbiré que fala:

Inda a alma de meu pai, como um colibri  
Em fria noite no seu ninho oculto,  
Além não tinha das azuis montanhas  
Descido aos campos de eternos deleites,  
Quando o mar arrojou em nossas praias  
Homens de pele branca e longas barbas, etc.

A descrição do combate entre os franceses e os portugueses tem alguns versos felizes e inspirados; mas podia, ou antes *devia* ter mais expressão: falta-

lhe esse cunho do belo horrível que se admira nos combates navais como nas lutas dos elementos e nas grandes comoções da natureza.

Às vezes, o poeta repete três e quatro vezes a palavra *fogo* e a palavra *sangue* em versos seguidos, supondo talvez que essa continuação da mesma idéia acabará por impressionar o espírito; mas o efeito é inteiramente contrário, e a impressão se amesquinha e desaparece quando a torturam e a repisam.

A beleza horrível e fascinadora do relâmpago, que num momento brilha, se abrasa nos deslumbra e, se apaga, deixando o céu negro e o horizonte escuro – é a mesma beleza terrível do pensamento trágico, que penetra em nosso espírito, nos faz estremecer e arrepiarem-se os cabelos, e passa rapidamente, deixando-nos a emoção.

Prolongai a luz do relâmpago por espaço de um quarto de hora, e a mulher a mais nervosa aproveitará a sua claridade para mirar-se ao espelho; prolongai o pensamento trágico por mais tempo do que deveis, e o espectador receberá o lance final com uma gargalhada ou um encolhimento de ombros.

O Sr. Magalhães não tem nesta descrição nenhum lance trágico, mas tem um desfecho que é a prisão de Aimbiré. Quando o leitor chega a ela, está enjoado e aborrecido, como um homem que andasse muito tempo pisando charcos de sangue.

Tudo era fogo e fumo e sangue e raiva!

Doze versos depois repete-se:

Só sangue e fogo e fumo respirando.

Pouco antes havia dito:

Nunca vi tanto sangue derramado!  
Todo o rochedo em sangue se inundava,  
Mil regatos de sangue ao mar corriam.

Adiante diz:

E de nossos irmãos sangue escorrendo.

Depois:

E num lago de sangue revolvi-me.

Conclui essa sangria monstruosa com os dois versos seguintes:

De longe eu vi a ensangüentada rocha.

.....  
Lavado de suor, tinto de sangue.

E note, meu amigo, que esta descrição é feita por um selvagem, habituado aos combates mortíferos de maça e tacape, e a quem por conseguinte essas idéias de sangue deviam parecer naturais, e não causar tanta impressão.

O canto termina com o discurso de Aimbiré e os aplausos com que foi saudado pelos índios.

Há neste canto um verso que não compreendo bem, talvez devido à minha insuficiência para entender os poetas, que por poetas devem ser lidos. É o seguinte:

Té o mais moço em anos descendendo.

Descender creio eu que quer dizer *descer de*; neste sentido, a frase me parece incompleta: no sentido de *descer simplesmente*, não sei o que quer dizer um homem mais moço que os outros *descendo nos anos*.

Já no primeiro canto notei algumas coisas análogas, como *o índio desliza a vida*, ativando-se um verbo que é neutro; e muitas outras inovações que não sei se são bem cabidas.<sup>36</sup>

Esquecia-me, meu amigo, agradecer-lhe as honras de folhetim que deu a estas minhas cartas: elas não o merecem; mas, como vão protegidas pela sua folha, talvez achem indulgência para a minha franqueza um tanto brusca.

Sei que terei censores; o que lhe peço é que não se incomode em defender-me: não sou poeta, já não tenho obras a publicar, e por conseguinte exerço livremente o meu direito de crítica.

Quando me retrucam com o costumado estribilho de *faça melhor*, respondo com uma teoria que me ensinou outrora o meu velho mestre de latim, acérrimo comentador de Virgílio e de Ovídio.

Disse-me ele um dia:

“Deus, querendo dar ao homem o dom da criação, como um fraco reflexo de seu divino poder, tomou uma faísca do fogo criador e dividiu-a em três átomos.

“O primeiro, o mais brilhante, porque era um átomo de luz, destinou-o aos poetas e aos gênios; o segundo, que era uma chispa de brasa, destinou-o aos críticos e aos literatos; e o terceiro, que era um pó de carvão, deu-o ao vulgo.

“O gênio pois inventa, faz aparecer a luz; a crítica dá-lhe vigor soprando e chegando fogo a esta luz; o resto dos homens alimentam esse fogo, dando-lhe o elemento da combustão, admirando.”

Isto me dizia o meu velho mestre; eu achei que ele tinha razão, e tomei para mim uma das partes mais modestas desse germe criador, que Deus deu a todos os homens.

Aperto-lhe a mão de longe, meu amigo, já que não me quer dar o prazer de vê-lo por aqui, à sombra de minhas faias,

*sub tegmine fagi,*

quero dizer, à sombra das minhas mangueiras e de minhas latadas de jasmineiros.

Escreveríamos um poema, mas não um poema épico; um verdadeiro poema nacional, onde tudo fosse novo, desde o pensamento até a forma, desde a imagem até o verso.

A forma com que Homero cantou os gregos não serve para cantar os índios; o verso que disse as desgraças de Tróia e os combates mitológicos não pode exprimir as tristes endechas do Guanabara, e as tradições selvagens da América.

Por ventura não haverá no caos incriado do pensamento humano uma nova forma de poesia, um novo metro de verso?

Diga-me a sua opinião a este respeito; e adeus.

11 de junho

lg

### 3 - Ig (José de Alencar), Carta terceira<sup>37</sup>

Talvez ainda se lembre, meu amigo, das nossas longas conversas de outrora, quando sentados no canto do meu terraço, ao cair de uma bela tarde, com os olhos engolfados no azul profundo do horizonte, falávamos de poesia, de arte, de beleza, e sobretudo das cenas majestosas da natureza de nossa terra.

O sol descambava no horizonte, e reclinava-se sobre um leito de nuvens: os últimos raios do ocaso coloriam de seus reflexos de ouro e púrpura os vapores ligeiros, que deslizavam aos sopros da brisa da tarde.

Pouco a pouco a luz escasseava, as sombras se estendiam sobre o horizonte, e o quadro brilhante e animado ia-se desvanecendo como o panorama da baía que foge rapidamente aos olhos do marinheiro levado por seu navio nas asas do vento.

Dai a alguns instantes, nessa meia obscuridade, nessa sombra vaga e indecisa, a lua despontando mostrava a sua bela face, roseada da luz do sol.

Ainda me lembra, meu amigo, uma tarde em que, depois de conversarmos largamente sobre a poesia americana e brasileira, assistíamos a uma dessas cenas tão simples e tão belezas da natureza tropical.

A lua assomou.

Lembrei-me da invocação de Chateaubriand, e murmurei: "E tu, raio das meditações, astro da noite, marcha diante de meus passos, através das regiões desconhecidas do novo mundo, para esclarecer-me com tua luz os mistérios encantadores do deserto."

Vós, meu amigo, me respondestes pelo canto dos índios, saudando o nascimento da lua; canto que vale uma poesia pela ingenuidade e singeleza da expressão:

"A lua oculta o rosto sob o véu branco das nuvens; está confusa, enrubece: é porque saiu do leito do sol. Assim há de corar a jovem esposa no primeiro dia depois de suas núpcias; e nós lhe diremos: - Deixa-nos ver teus olhos."

Ao ler essas doces reminiscências de bons tempos, talvez pergunte a si mesmo, meu amigo, a que propósito vêm elas em uma carta que lhe prometi escrever sobre as impressões verdadeiras de minha leitura da *Confederação dos Tamoios*.

Com efeito, à primeira vista parecer-lhe-á que pretendo abusar das colunas que me cedeu na sua folha para dar largas veleidades de escritor e fazer devaneios; ou, o que é pior, que falhou-me a prosa da crítica, e que por isso recorro à poesia como meio de encher papel.

Pois engana-se, meu amigo, se fizer semelhante juízo a meu respeito: o que evocou as recordações de nossas passadas conversas foi justamente o poema

do Sr. Magalhães, cuja leitura tenho continuado depois da última carta que lhe envie há dias.

O terceiro e o quarto cantos que há pouco acabei de ler levaram-me insensivelmente àquelas idéias, àqueles sonhos que tantas vezes desfolhamos juntos, e fizeram com que principiasse esta à guisa de romance sentimental, ou de memórias literárias, do que sinceramente me arrependo.

“E por que, me perguntará talvez, o terceiro e o quarto canto da *Confederação dos Tamoios* lhe deram uma como que sensação desses perfumes suaves, dessas flores mimosas de nossa terra; perfumes e flores que ainda não se podem colher senão no seio da natureza?

“Encontrou aí algumas dessas cenas arrebatadoras do crepúsculo da tarde, algum hino melodioso das auras da noite, algum idílio dos nossos campos silvestres, uma saudação à lua de nossa terra, ou uma descrição soberba do pôr do sol sobre as cumeadas das montanhas?

“Senti palpitar-lhe o coração já frio e indiferente com a lembrança de um desses amores poéticos e inocentes, que têm o céu por dossel, as lianas verdes por cortinas, a relva do campo por divã, e que a natureza consagra como mãe extremosa e como santa religião?

“Sorriu-lhe de longe a imagem graciosa de uma virgem índia, de *faces cor de jambo*, de cabelos pretos e olhos negros, com o seu talhe esbelto como a haste de uma flor agreste, com suas formas onduladas como a verde palma que se balança indolentemente ao sopro da brisa?”

Não, meu bom amigo, não foi nada disto; foi inteiramente o contrário. Lembro-me das coisas quando as não posso ter; acho que o calor é uma estação admirável, quando sinto os dedos enregelados de frio; lamento não ter gozado os belos dias, quando a chuva e a borrasca vêm toldar o céu límpido; e antigamente, quando ia aos bailes e aos teatros, o divertimento só começava para mim quando acabava para os outros.

Sou assim, é o meu gênio, e por isso não deve estranhar que a *Confederação dos Tamoios*, nos cantos terceiro e quarto, me desse idéias poéticas, justamente pela ausência delas no livro que lia. Cada verso que recitava,<sup>38</sup> cada folha que voltava era como uma folha, uma pétala que eu ia arrancando à nossa bela natureza, representada sob a forma de uma flor.

Sim, meu amigo, a lua da nossa terra aparece no céu do Guanabara, entre a ramagem das árvores, aos últimos e pálidos clarões do dia, sem merecer do poeta nem uma saudação, nem um canto ao astro das doces contemplações, à virgem do silêncio e da noite.

Que ver o que se diz em três cantos de um poema nacional, a respeito da lua do Brasil, ao passo que se gastam tantos versos em descrever os pirilampos e as fogueiras? Veja, são apenas três versos:

Momento é esse, em que no céu sereno  
Plácida alveja a lua; e ao índio vate  
Com pálido clarão branqueia o rosto.

Se o astro da noite passou assim desapercibido para o poeta, a mulher, o astro da terra, não lhe inspirou todas as belas imagens que devia despertar em sua alma, um tipo novo, um tipo ainda não criado pela arte ou pela poesia.

Milton criou a sua Eva, Byron a sua Haidéia, Ossian a sua Malvina, Chateaubriand a sua Atala e Cooper a sua Cora; os gregos criaram Vênus, os romanos Astartéia; todos os poetas e todos os artistas que inspiraram o seu gênio nesse assunto divino da mulher se esforçaram por criar alguma coisa.

Como Milton, como Ossian, como Chateaubriand, o Sr. Magalhães, escrevendo um poema nacional, estava obrigado a formar de sua heroína uma mulher que pudesse figurar a par dessas imagens graciosas que a literatura conserva, desde a Vênus de Milo e a Helena dos gregos, até a Fornarina de Rafael e a Armida do Tasso.

Deu à poesia um novo Deus e um novo mundo ainda não descobertos e, como Milton, devia criar a sua Eva indiana; descrevia os mitos da uma nova religião e de uma nova raça, e devia criar uma Vênus como os gregos; cantava como Ossian as tradições de sua pátria e, como ele, devia retratar na mulher as belezas da natureza que o inspirava.

Entretanto, a heroína do poema do Sr. Magalhães é uma mulher como qualquer outra; as virgens índias do seu livro podem sair dele e figurar em um romance árabe, chinês, europeu; se deixassem as penas de tucano que mal as cobrem, podiam vestir-se à moda em casa de Mme. Barât e Gudin, e ir dançar a valsa<sup>39</sup> no Cassino e no Clube com algum deputado.

Veja se tenho razão ou não; é a descrição de Potira, uma virgem índia, filha do herói:

Qu'inda não vi mais bela criatura.  
Gestos mais senhoris, olhos mais negros.  
Olhar mais terno, mais mimosa boca,  
Onde um sorriso meigo e pudibundo  
Suave amor nos corações embebe.

Talvez me censurem, meu amigo, pela maneira por que leio o poema do Sr. Magalhães; e julguem que prefiro notar aquilo que falta a realçar o que há aí de bom e de feliz; mas será uma injustiça que me farão.

O nome do poeta, a idéia de que ele ia cantar um assunto nacional, a lembrança de que a sua inteligência e o seu gosto se teriam apurado na contemplação e no estudo dos modelos da arte européia, tornou-me difícil; e o

mesmo que comigo aconteceu deve se ter dado com todos aqueles que se ocupam da literatura e da poesia de nossa pátria.

Bem sei que o Sr. Magalhães não teve pretensões de fazer uma *Iliada* ou *Odisséia* americana; mas quem não é Homero deve ao menos procurar imitar os mestres; quem não é capaz de criar um poema, deve ao menos criar no poema alguma coisa.

O Sr. Gonçalves Dias, nos seus cantos nacionais, mostrou quanta poesia havia nesses costumes índios, que nós ainda não apreciamos bem, porque os vemos de muito perto. A poesia é como a pintura, cujos quadros devem ser olhados a uma certa distância para produzirem efeito.

Há também uma pequena nênia americana, uma flor que uma pena de escritor político fez desabrochar nos seus primeiros ensaios, e que para mim ficou como o verdadeiro tipo da poesia nacional; há aí o encanto da originalidade, e como um eco das vozes misteriosas de nossas florestas e dos nossos bosques.<sup>40</sup>

Se trago isto, é para mostrar que não sou exigente, e que tenho, como todo o leitor, o direito de, acabando de ler um poema nacional, pedir ao poeta que o escreveu ao menos uma criação nova, que fique com a recordação agradável dessas quatrocentas páginas inspiradas pela natureza e escritas longe da pátria, para melhor senti-la e compreendê-la.

Até aqui ainda não encontrei isso; a heroína do poema é, como já lhe disse, uma mulher que se chama Iguazu, e nada mais; o Sr. Magalhães, que viu na Itália os modelos da arte, não achou neles uma idéia do que devia ser a beleza da mulher selvagem e inculta, a beleza criada nos campos como a flor silvestre: não o censuramos por isto, notamos apenas a falta.

Entretanto, o terceiro e o quarto cantos têm algumas inspirações felizes; a resposta de Aimbiré ao jovem francês que lhe pede sua filha por esposa é na minha opinião digna de Chateaubriand nos *Natchez*, ou em *Atala*:

Se o sol deu sua cor aos teus cabelos  
Como nos deu a pele, também pode  
Com seus raios crestar a cor da lua,  
Que afoqueada brilha no teu rosto.

A pintura do velho guerreiro inspirado, que entoava o cântico de guerra a Tupã, é bonita: de tudo o que tenho lido no poema é o único ponto em que o poeta se elevou à altura do assunto que cantava.

A comparação que há na prece de Iguazu ao despedir-se do seu amante me causou uma agradável impressão; achei que os lábios da virgem índia deviam ter com efeito dito esses versos simples, mas tão naturais e tão lindos:

..... in da que forte,  
Meu pai é como o tronco solitário  
Que aos ventos resistiu das tempestades;  
Mas abalado jaz, e pende, e murcha.

Já é conhecido o canto da saudade, que para mim não vale a linda poesia de Bocage, tão repassada de melancolia; creio mesmo que o poeta imitou alguma coisa dos versos portugueses, mas não foi bem sucedido.

Neste canto, ou antes nos versos que o precedem, há um em que julgo ter escapado por inadvertência uma palavra em lugar de outra. Repito-lhe o verso, meu amigo, para que veja se me engano:

Ah! Doce é o cantar! remédio é pronto  
Que d'alma aos seios sobe e a mágoa abranda.

Creio que o poeta escreveu ou teve intenção de escrever que *d'alma aos lábios sobe*, pois falando-se de canto, isto é mais natural, *subir d'alma aos seios* seria, além de metafísico, pouco poético, porque naturalmente levava o espírito a procurar o lugar inferior, onde estaria a alma, para fazer a sua ascensão até os seios; e este lugar não podia ser senão o esôfago.

Outra palavra que penso ter escapado é o galicismo atroz que existe na página 89, no penúltimo verso, em que se emprega a seguinte frase: "Que o europeu não desdenhara *gostar* os licores em taça d'ouro."

Ora, meu amigo, ninguém ignora que *gostar* alguma coisa, do francês *goûter*, é um galicismo que, se não me engano, foi reprovado por Frei Francisco de S. Luís no seu *Glossário*. O *goûter* dos franceses traduz-se em nossa língua por saborear, provar; e neste caso de que tratamos, o Sr. Magalhães necessariamente devia ter escrito, ou ao menos teve intenção de escrever o verbo *libar*, que é um termo poético, e que não lhe alterava a metrificacão do verso.<sup>41</sup>

Às vezes também encontram-se no poema certas inadvertências que não aponto como censuras, mas como pequenas incorreções, que o leitor frio e calmo pode melhor conhecer do que o poeta, todo entregue às emoções do seu trabalho.

..... mas de novo estanques  
Lágrimas brotam, que lhe o peito aljofram,  
Como goteja em bagas abundantes  
Da fendida taboca a pura linfa.

*Lágrimas estanques* é para mim uma frase incompreensível. Diz-se que uma coisa está estanque quando foi esgotada, quando já não verte água ou líquido; assim, diz-se que a fonte, que a bica estancou, que as lágrimas

..... inda que forte,  
Meu pai é como o tronco solitário  
Que aos ventos resistiu das tempestades;  
Mas abalado jaz, e pende, e murcha.

Já é conhecido o canto da saudade, que para mim não vale a linda poesia de Bocage, tão repassada de melancolia; creio mesmo que o poeta imitou alguma coisa dos versos portugueses, mas não foi bem sucedido.

Neste canto, ou antes nos versos que o precedem, há um em que julgo ter escapado por inadvertência uma palavra em lugar de outra. Repito-lhe o verso, meu amigo, para que veja se me engano:

Ah! Doce é o cantar! remédio é pronto  
Que d'alma aos seios sobe e a mágoa abranda.

Creio que o poeta escreveu ou teve intenção de escrever que *d'alma aos lábios sobe*, pois falando-se de canto, isto é mais natural, *subir d'alma aos seios* seria, além de metafísico, pouco poético, porque naturalmente levava o espírito a procurar o lugar inferior, onde estaria a alma, para fazer a sua ascensão até os seios; e este lugar não podia ser senão o esôfago.

Outra palavra que penso ter escapado é o galicismo atroz que existe na página 89, no penúltimo verso, em que se emprega a seguinte frase: "Que o europeu não desdenhara *gostar* os licores em taça d'ouro."

Ora, meu amigo, ninguém ignora que *gostar* alguma coisa, do francês *goûter*, é um galicismo que, se não me engano, foi reprovado por Frei Francisco de S. Luís no seu *Glossário*. O *goûter* dos franceses traduz-se em nossa língua por saborear, provar; e neste caso de que tratamos, o Sr. Magalhães necessariamente devia ter escrito, ou ao menos teve intenção de escrever o verbo *libar*, que é um termo poético, e que não lhe alterava a metrificacão do verso.<sup>41</sup>

Às vezes também encontram-se no poema certas inadvertências que não aponto como censuras, mas como pequenas incorreções, que o leitor frio e calmo pode melhor conhecer do que o poeta, todo entregue às emoções do seu trabalho.

..... mas de novo estanques  
Lágrimas brotam, que lhe o peito aljofram,  
Como goteja em bagas abundantes  
Da fendida taboca a pura linfa.

*Lágrimas estanques* é para mim uma frase incompreensível. Diz-se que uma coisa está estanque quando foi esgotada, quando já não verte água ou líquido; assim, diz-se que a fonte, que a bica estancou, que as lágrimas

estancaram nos olhos, e secaram: esta é a etimologia da palavra, e a significação que lhe dão os clássicos.

*Da fendida taboca* é uma comparação que não tem o menor *símile*, nem na forma, nem na cor; as gotas que destilam dos olhos da taboca, e resvalam lentamente como pérolas pelas suas folhas longas, pode ter alguma semelhança com a lágrima que desliza trêmula pela face; mas não concebo como em um pedaço de taboca rachada, donde corre água, se pode achar a imagem de uma das mais poéticas fraquezas da natureza humana.

Se o Sr. Magalhães queria uma comparação brasileira podia servir-se dessas pérolas que destilam os cajueiros de seus ramos nos tempos das primeiras águas, o que fazia dizer aos índios “que os cajueiros choravam pelos seus belos frutos e pelas suas verdes folhagens”.

Desculpe-me, meu amigo, ia quase esquecendo-me que a minha obrigação é ler, e não escrever; o dito por não dito: risque essas duas comparações que acabei de esboçar, e que decerto não valem a do poeta, apesar de não as compreender.

No quarto canto repete ainda o Sr. Magalhães pela terceira vez a tradição indígena que dava às águas do Carioca o dom de tornar doce e melodiosa a voz daqueles que a bebiam; tradição que (entre parênteses) não tem provado muito bem.

..... E as doces águas  
Do saudoso Carioca, que suavizam  
Dos cantores a voz melodiosa

De maneira que, falando do Carioca, o poeta não tem outra coisa a dizer; não emprega nenhuma outra idéia que não seja essa qualidade musical das águas do rio. Antes fizesse alusão à obra monumental com que depois o Conde de Bobadela dotou a cidade do Rio de Janeiro, e que ainda hoje figura entre as primeiras: seria mais uma beleza, e menos uma repetição de idéia.

Lí um desses dias na sua folha um pequeno aranzel a respeito de poetas, de poemas, de Homeros e Miltons, que me pareceu vinha com sobrescrito a mim; mas quem quer que seja que escreveu esse endereço tem tão má letra que não o entendi.

Eu sou franco, meu amigo, e tenho direito de exigir franqueza: já disse uma vez por todas, não tenho nome, nem reputação de literato: o pouco que escrevi outrora já está esquecido; mas tenho o meu *gosto literário*, e julgo por ele aquilo que leio: se entenderem que penso mal, emendem-me.

Retardei mais do que devia esta carta: o culpado foi S. João, o santo alegre e folgazão, que me fez voltar ao nosso bom tempo da juventude, àquele

tempo em que, mais ingênuos ou mais tolos do que hoje, julgávamos que os livros de sorte e os olhos de mulher, ou vice-versa, falavam verdade.

Com sua licença, meu amigo, atirei foguetes; é verdade que estava na sua regra – *extra muros urbis* – como diziam outrora os romanos; frase que hoje se traduz em português clássico pela seguinte maneira – *além do ponto das gôndolas*.

Todo seu.

28 de junho

Ig

## 4 - Ig (José de Alencar), Carta quarta<sup>42</sup>

A poesia, como todas as coisas divinas, não se define; uma palavra a exprime, porém mil não bastam para explicá-la.

Conhece decerto, meu amigo, a página dourada que Lamartine escreveu sobre este assunto, página que para mim é um hino; permita-me que lhe leia um pequeno trecho:

“A poesia, diz ele, é a encarnação do que o homem tem de mais íntimo no coração e de mais divino no pensamento; do que a natureza tem de mais belo nas imagens e de mais harmonioso nos sons! É ao mesmo tempo o sentimento e a sensação, o espírito e a matéria; e por isso ela forma uma linguagem perfeita, que exprime o homem em toda a sua humanidade, que fala ao espírito pela idéia, à alma pelo sentimento, à imaginação pela imagem, e ao ouvido pela música.”

Escuso repetir-lhe o resto: não faço neste momento um estudo sobre a literatura, e peço apenas ao grande poeta francês a autoridade de seu nome ilustre para proteger a modesta opinião que desde muito concebi a respeito dessa língua sublime, “que foi o primeiro balbuciar da inteligência humana e será o último grito da criação”.

A poesia, para mim como para Lamartine, é ao mesmo tempo a divindade e a humanidade do homem; é sua centelha de fogo sagrado, essa *mens divinator* que anima a natureza, esse sopro celeste com que o Criador bafejou a argila quando lhe imprimiu a forma humana; é as asas brancas que Deus deu ao espírito para remontar ao céu.

O laço misterioso que prende a alma ao corpo, a luta entre o espírito e a matéria, a contradição de duas vidas opostas, uma que aspira elevar-se ao seio do Criador, outra que se sente presa à terra, – eis a verdadeira origem da poesia.

É por isso que, como diz Lamartine, a poesia deve falar ao homem pelo pensamento, pela imaginação e pelos sentidos ao mesmo tempo. O som, a forma, a cor, a luz, a sombra, o perfume são as palavras inarticuladas dessa linguagem divina, que exprime o pensamento cantando, sorrindo, e desenhando-o.

A descrição dos *rapsodes* gregos, que eram ao mesmo tempo poetas, músicos e autores, descrição que li quando ainda pouco me ocupava de literatura, ficou impressa para sempre no meu espírito como a verdadeira imagem da poesia; depois, começando a ler os grandes autores da antiguidade, ainda mais me confirmei na opinião de que o poeta deve ser necessariamente filósofo, pintor e músico.

Não falo de Homero, meu amigo, pois apenas o conheço por traduções, das quais dizem os italianos com bastante razão *traduttore traditore*; mas posso

dizer alguma coisa de Virgílio, meu livro predileto, que tem sempre nas suas páginas alguma nova beleza, ainda desconhecida, a revelar-me.

Racine, o Virgílio moderno, não conseguiu elevar-se à altura do mestre; seu verso é sempre suave e melodioso, e não reflete nos tons e na cadência a expressão íntima do pensamento: embora o espírito se inflame e se arrebate, as palavras correm brandamente como lágrimas que deslizam, ou ressoam como suspiros que se exalam.

Victor Hugo é o poeta da forma brilhante; quando leio algumas páginas de suas odes, parece-me que me sinto de repente sentado a um canto da oficina do Tintoret<sup>43</sup> ou do gabinete de Benvenuto Cellini, e que vejo o pintor e o escultor traçar com o pincel ou com o buril um quadro ou um baixo-relevo; a luz cintila formando claros e escuros, a cor reflete os seus raios cambiantes, tudo se anima, vive e surge do nada, ao aceno do gênio criador.

Victor Hugo teria sido um Ticiano, se não fosse o autor das *Orientais*, dos *Cantos do Crepúsculo* e das *Contemplações*, se não fosse Victor Hugo: o poeta teria sido um grande pintor, se em vez da pena, que o seu anjo da guarda arrancou de suas asas para dar-lhe, ele tivesse encontrado no seu caminho uma palheta e um pincel.

Lamartine tem mais simplicidade na forma: menos brilhante, porém mais sentimental, faz-me recordar desses painéis antigos, onde as imagens aparecem sempre envoltas numa tênue obscuridade, numa sombra ligeira, que realça a poesia do quadro; é um pintor de uma outra escola, que desdenha o uso excessivo das cores vivas, e prefere esboçar a *crayon* uma idéia que fala mais à alma do que aos olhos e à imaginação.

Perdão, meu amigo; esquecia-me que lhe escrevo uma carta, na qual é impossível dar lugar a todos os nomes de poetas que tinham direito a uma palavra ao menos; mas creio que deve ter compreendido o pensamento que me obrigou a traçar, bem que ligeiramente, o cunho particular daqueles que acabei de apontar.

Quis ainda mais confirmar a verdade da opinião que enunciei a princípio. A poesia, a pintura e a música são três irmãs gêmeas que Deus criou com um mesmo sorriso, e que se encontram sempre juntas na natureza: a forma, o som e a cor são as três imagens que constituem a perfeita encarnação da idéia; faltando-lhe um desses elementos, o pensamento está incompleto.

Para mim, meu amigo, essa assimilação, ou antes essa união da poesia, da música e da pintura é tão clara que encontro sempre na história o mesmo gênio nas suas três grandes revelações; que sinto igual impressão lendo um livro, vendo um quadro ou uma estátua, e ouvindo uma ópera.

Homero, Miguel Angelo e Rossini é o mesmo homem, ora poeta, ora escultor, ora músico; Virgílio, Donizetti e o Ticiano é a mesma trindade poética e artística; Shakespeare, o Veronese e Meyerbeer são três transformações de um

só gênio; Píndaro, Rafael e Verdi é o mesmo lirismo na poesia, na pintura e na música.

Leia uma página da *Odisséia*, veja a estátua de *Hércules*, ouça uma ária do *Moisés* ou de *Guilherme Tell*, e há de sentir, como eu sentia outrora, meu amigo, a mesma emoção. *Dido*, a *Favorita*, e a *Madalena* é para mim uma só forma de mulher representada por três maneiras; *Hamlet*, *Assuerus* e *Roberto do Diabo* são quase irmãos; os cantos do poeta grego, os quadros de Rafael e as melodias do *Trovador* e do *Rigoletto* são odes em versos, em cores e em notas.

Eis como eu compreendo a poesia, e como a estudo num poema ou num livro de versos; quero ver, sentir e ouvir o pensamento do poeta que fala por esta tríplice frase da razão, do coração e dos sentimentos; e confesso-lhe que, quando leio um trecho que me satisfaz, experimento uma como que sensação voluptuosa.

Agora, meu amigo, que suponho ter definido bem claramente a minha idéia, ou antes a idéia de Lamartine, volto à *Confederação dos Tamoios*, que foi o tema de todas essas variações; e sinto que seja para anunciar-lhe que, se o livro chama-se um poema, o poema não é decerto uma poesia.

Acabei de ler o décimo canto, e embora não me proponha escrever-lhe hoje todas as observações que me sugeriu o resto da leitura; embora não tencione ocupar-me nesta carta senão de dois ou três cantos, posso já dizer-lhe que o fim corresponde ao princípio: é a mesma tibieza de pensamento, a mesma palidez de imagens, o mesmo desalinho e incorreção de formas.

O Sr. Magalhães nem conservou a simplicidade antiga, a simplicidade primitiva da arte grega; nem imitou o caráter plástico da poesia moderna; desprezando ao mesmo tempo a singeleza e o colorido, quis às vezes tornar-se simples e fez-se árido, quis outras vezes ser descritivo e faltaram-lhe as imagens.

Pergunto-me a mim mesmo qual foi o *belo* que o poeta procurou desenhar no seu poema, e sinceramente não sei responder. Não foi o *belo* do pensamento porque deixou tudo quanto podia engrandecer o seu assunto e a história nacional; não foi o *belo* físico, porque a natureza brasileira aí aparece como uma virgem vendada, à qual o poeta não se animou a erguer o véu de prosaísmo que alguns versejadores lhe lançaram sobre o rosto; não foi o *belo* do sentimento e do coração, porque todas as paixões do seu livro são apenas *atestadas*, e não descritas.

A prova do que digo, meu amigo, é fácil de obter; leia o poema, se as suas ocupações lhe deixam tempo, e verá que a idéia essencial é uma luta dos índios com os portugueses, variada por alguns episódios. A propósito de um sonho de que lhe falarei depois, há uns traços da nossa história até a atualidade; mas a descoberta da América e do Brasil, e sobretudo a sublime religião de Cristo conquistando palmo a palmo a fé dos selvagens, esse novo apostolado dos missionários de Deus caminhando ao martírio, são coisas que não valem a pena de mais um canto.

Pelo que toca ao belo do sentimento, que paixões há no poema? O amor da pátria e da liberdade, porém o amor sem elevação e sem dignidade, mais produzido pelo egoísmo do que por este sentimento divino que inspirou tão belos versos a muitos poetas antigos e modernos: sobre as outras paixões, a palavra de que há pouco me servi exprime-as perfeitamente: o Sr. Magalhães *atesta* que Aimbiré e Iguazu se amam, que o herói do poema chora seu pai, que a heroína tem saudades do seu amante, e nada mais.

Quanto ao *belo* da natureza, ao *belo* plástico, escuso repetir-lhe o que já lhe disse nas minhas cartas passadas, e especialmente na última; mas, como sei que algumas pessoas desculpam o poeta neste ponto, desejo esclarecer uma questão de arte, que interessa muito à literatura pátria.

De há um certo tempo se tem manifestado uma certa tendência de reação contra essa poesia inçada de termos indígenas, essa escola que pensa que a nacionalidade da literatura está em algumas palavras: a reação é justa, eu também a partilho, porque entendo que essa escola faz grande mal ao desenvolvimento do nosso bom gosto literário e artístico.

Mas o que não partilho, e o que acho fatal, é que essa reação se exceda; que em vez de condenar o abuso, combata a coisa em si; que em lugar de estigmatizar alguns poetastros que perdem o seu tempo a estudar o dicionário indígena, procure lançar o ridículo e a zombaria sobre a verdadeira poesia nacional.

Esses que assim procedem têm uma idéa que não posso admitir: dizem que as nossas raças primitivas eram raças decaídas, que não tinham poesia nem tradições; que as línguas que falavam eram bárbaras e faltas de imagens, que os termos indígenas são mal sonantes e pouco poéticos; e concluem daqui que devemos ver a natureza do Brasil com os olhos do europeu, exprimi-la com a frase do homem civilizado, e senti-la como o indivíduo que vive no doce *comfortable*.

Eis, meu amigo, um paradoxo em literatura, um sofisma com que nos procuramos iludir por não termos tido ainda um poeta nacional. Eu desejava que *Child-Harold*, na sua peregrinação, tivesse sido arrojado pela tempestade numa praia do Brasil, e que, em vez de Haidéia, tivesse encontrado Lindóia ou Moema: desejava ardentemente isto, para dar um desmentido àqueles que entendem que a nossa natureza não é bastante rica para criar ela só uma epopéia.

E a propósito, lembro-me que para nós filhos desta terra não há árvore talvez mais prosaica do que a bananeira, que cresce ordinariamente entre montões de cisco, em qualquer quintal da cidade, e cujo fruto nos desperta a idéia grotesca de um homem apalermado ou de um alarve.

Pois bem, meu amigo, recorde-se de Paulo e Virgínia, e daquelas bananeiras que cresciam perto da choupana, abrindo seus leques verdes às auras da tarde, e veja como Bernardim de Saint-Pierre soube dar poesia a uma coisa que nós consideramos como tão vulgar.

Eugène Pelletan, numa obra bem conhecida como um primor de estilo, descreve essa *gota de leite* que a Providência depôs no seio da natureza, e elevou com uma frase o fruto mais prosaico do mundo à altura dos pêssegos dourados, das maçãs roseadas, das laranjas da Andaluzia e das tâmaras dos desertos.

Chateaubriand no *Gênio do Cristianismo* achou uma fonte de poesia inesgotável descrevendo a delicadeza do sentimento da maternidade no jacaré, em um réptil monstruoso e disforme; Virgílio escreveu um poema sobre um mosquito e Buffon na sua história natural é um poeta que faz um pequeno poema sobre cada animal, cada ser da criação, ainda mesmo aqueles que nos parecem os mais desprezíveis.

Em tudo pois há poesia, contanto que se saiba vibrar as cordas do coração, e fazer cintilar esse raio de luz que Deus deixou impresso em todas as coisas, como o cunho de seu poder criador; em tudo há o *belo*, que não é outra coisa senão o reflexo da divindade sobre a matéria.

Mas aqueles que até hoje têm explorado a literatura nacional, em vez de procurar o belo nas coisas, julgam que o acham em duas ou três palavras indígenas, em uma meia dúzia de costumes selvagens; e tiram aos leitores essa palavra e esse costume, deixando a cada um a liberdade de ir procurar na sua imaginação a poesia que oculta esse *mito* indecifrado da literatura pátria.

Por exemplo, o Sr. Magalhães refere alguns costumes e tradições indígenas geralmente conhecidas, como sejam a arte de tirar fogo de dois lenhos secos, o hábito do pai guardar o resguardo quando nascia o filho, ao passo que a mãe entregava-se à vida ativa; a tradição de *Tamandaré* e do dilúvio e a lembrança que conservavam da peregrinação de *Sumé*, cujas pegadas diziam encontrar-se em diversos lugares do Brasil.

Esses mesmos costumes e lendas acham-se, com alguma diferença de palavras, no *Caramuru* de Santa Rita Durão, o qual as bebeu nos nossos cronistas, donde as tirou o Sr. Magalhães: o poeta contentou-se em referi-las como o versificador mineiro, e não se deu ao trabalho de vesti-las e orná-las com as belas imagens que desperta sempre a cosmogonia de um povo, por mais bárbaro que ele seja.

Devo porém confessar que, no meio da tendência da época, um homem ao menos protesta contra ela; e esse é um poeta: falo do Sr. Gonçalves Dias, metrificador perfeito, alma entusiástica e inspirada, que soube compreender os tesouros que a nossa pátria guarda no seu seio fecundo para aqueles de seus filhos que reclinar a cabeça sobre o regaço materno.

Mas o que é admirável, meu amigo, é que o Sr. Magalhães, que pouco se importa com a religião dos índios e com suas crenças; que as refere de passagem, mas não faz delas o objeto do seu poema; que não lhes dá o menor prestígio e a menor ilusão; lá um momento em que lhe aprouve, no quarto canto, pôs em

cena um *pajé*, que em virtude de algumas palavras misteriosas fez subir ao sétimo céu uma tagapema, isto é, uma clava de sofrível peso e dimensão.

E o autor depois continua muito naturalmente, sem dar explicação do fato, que ninguém compreende, porque no seu poema começa por desacreditar esse Tupã e esses pajés<sup>44</sup> de que fala tão ligeiramente, e que entretanto revelam depois um poder divino e miraculoso.

Se o Sr. Magalhães queria usar desse ornato da epopéia, e misturar o sobrenatural à ação do seu drama, devia desde o começo ter se colocado nesta altura, como fizeram Homero, Virgílio, Dante, Camões, o Tasso, Ariosto, e todos os poetas que se têm servido do maravilhoso; mas começar uma ação simples, uma ação unicamente humana, e depois apresentar sem propósito um fato inverossímil e contra a razão, é indesculpável.

Outra coisa que ainda mais me surpreendeu foi que o poeta, tratando de duas religiões opostas, caiu em uma contradição completa: a superstição dos índios produz um milagre, a religião cristã apenas consegue criar um sonho, isto é, um fato comum e vulgar.

Refiro-me ao sonho de Jagoanharo na casa de Tibiriçá. O índio,<sup>45</sup> embalando-se em uma rede sonha que S. Sebastião lhe aparece, o leva ao cimo do Corcovado, e daí lhe mostra a cidade do Rio de Janeiro e todos os grandes acontecimentos que se passaram nela, desde a sua fundação até a maioridade do Imperador.

Essa imagem de um homem que se deita numa rede para dormir, e que começa a se balançar e a sonhar, não tem nada de poético. O sonho de Enéias em Virgílio e da Atalia de Racine mereciam uma mais bela imitação: no *Uruguai* mesmo há uma visão de mais bonito efeito do que este episódio da *Confederação dos Tamoios*.

Quanto à parte histórica deste sonho, esperava mais lindos versos, e mais elevados pensamentos sobre a conquista do Brasil e sobre o futuro brilhante de nossa pátria: como este esboço frio já tínhamos um no poema da *Assunção* de Frei S. Carlos que, se não compreende os fatos modernos, é mais completo no que diz respeito aos tempos coloniais.

O que porém nunca perdorei ao Sr. Magalhães é o ter deixado passar pelo seu poema, como uma sombra vaga e esvanecida, aquele vulto majestoso de José de Anchieta, aquele apóstolo digno de ser cantado por Homero e esculpido por Miguel Angelo; o herói missionário, que dava tema a uma grande epopéia, representa apenas no poema o papel de um *bom frade*.

E note, meu amigo, que se há vida que esteja intimamente ligada a toda esta época, se há homem que tenha tomado uma parte mais importante nos acontecimentos que precederam a expulsão dos franceses e a fundação do Rio de Janeiro, é decerto esse simples frade que na porta da igreja de S. Vicente dirige algumas palavras de consolação a Jagoanharo.

Cumpra também que lhe diga que até o fim do sétimo canto Aimbiré apenas fez de notável o seguinte: – um discurso no conselho e uma flechada na tagapema, milagrosamente elevada às nuvens; – é claro pois que o Sr. Magalhães não soube ligar à ação épica a ação do seu herói; o poema corre sem ele, e caminha ao seu fim abandonando o protagonista.

Concluirei esta, meu amigo, pedindo-lhe que me desculpe os vôos que tomei remontando-me ao verdadeiro espírito da poesia moderna, tal como a descrevem Chateaubriand e Lamartine. A *aurae scintilla* não quis dar uma chispa de seu fogo celeste aos bicos de minha pena, e por isso não há remédio senão admirar os raios luminosos que lançam aqueles a quem Deus fez poetas.

Demais, era preciso isto para animar-me a pronunciar o meu juízo definitivo sobre a *Confederação dos Tamoios*. Se errei nele tenho ao menos a autoridade de dois mestres em matéria de literatura.

Adeus, meu amigo; um destes dias lhe mandarei a minha última carta, se o *spleen* com que estou não continuar. Não é só na cidade que se sente o tédio e o aborrecimento; é também na solidão.

Há duas sublimes enfermidades do espírito humano, a *saudade* e a *nostalgia*, uma é a lembrança da pátria, outra é a lembrança do passado: como se chamará a *saudade* que se tem das ilusões perdidas que por muito tempo encantaram a nossa existência, a *nostalgia* que sente o homem longe do mundo que sonhou?

Padeço desta enfermidade, e por isso não sei quando continuarei. Adeus.

5 de junho

lg

## 5 - Ig (José de Alencar), Última carta<sup>46</sup>

Meu amigo.

Expliquei-lhe na minha carta passada, e da melhor maneira que me foi possível, a minha idéia sobre a poesia.

A palavra, esse dom celeste que Deus deu ao homem e recusou a todos os outros animais, é a mais sublime expressão da natureza: ela revela o poder do Criador, e reflete toda a grandeza de sua obra divina.

Incorpórea como o espírito que a anima, rápida como a eletricidade, brilhante como a luz, colorida como o prisma solar, comunica-se ao nosso pensamento, apodera-se dele instantaneamente, e o esclarece com os raios da inteligência que leva no seu seio.

Mensageira invisível da idéia, íris celeste do nosso espírito, ela agita as suas asas douradas, murmura ao nosso ouvido docemente, brinca ligeira e travessa na imaginação, embala-nos em sonhos fagueiros, ou nas suaves recordações do passado.

Reveste todas as formas, reproduz todas as variações e *nuanças* do pensamento, percorre todas as notas dessa gama sublime do coração humano, desde o sorriso até a lágrima, desde o suspiro até o soluço, desde o gemido até o grito rouco e agonizante.

Às vezes é o buril do estatuário, que recorta as formas graciosas de uma criação poética, ou de uma cópia fiel da natureza; aos retoques desse cinzel delicado a idéia se anima, toma um corpo, e modela-se como o bronze ou como a cera.

Outras vezes é o pincel inspirado do pintor que faz surgir de repente do nosso espírito, como de uma tela branca e intacta, um quadro magnífico, desenhado com essa correção de linhas e esse brilho de colorido que caracterizam os mestres.

Muitas vezes também é a nota solta de um hino, que ressoa docemente, que vibra no ar, e vai perder-se além no espaço, ou vem afagar-nos brandamente o ouvido, como o *eco* de uma música em distância.

A ciência tem nela o seu escalpelo, com que faz a autópsia do erro, descarna-o dos sofismas que o ocultam, e mostra-o claramente àqueles que, iludidos por falsas aparências, julgam ver nele a verdade.

O sentimento faz dela a chave dourada que abre o coração às suaves emoções do prazer, como o raio do sol que desata o botão de uma rosa cheia de viço e de fragrância.

A justiça deu-a à inocência como a sua arma de defesa, arma poderosa e irresistível, que tantas vezes tem suspendido o cutelo do algoz, e quebrado as pesadas cadeias de ferro de uma masmorra.

Para o tribuno é uma alavanca gigantesca com que desloca as imensas moles do povo, e atira-as de encontro às colunas do edifício social, que estremece, vacila e se abate ao peso dessas massas impelidas por um poder quase sobre-humano.

Eis o que é a palavra, meu amigo; simples e delicada flor do sentimento, nota palpitante do coração, ela pode elevar-se até o fastígio da grandeza humana, e impor leis ao mundo do alto desse trono, que tem por degrau o coração, e por cúpula a inteligência.

Assim pois, todo o homem, orador, escritor, ou poeta, todo o homem que usa da palavra, não como um meio de comunicar as suas idéias, mas como um instrumento de trabalho; todo aquele que fala ou escreve, não por uma necessidade da vida, mas sim para cumprir uma alta missão social; todo aquele que faz da linguagem, não um prazer, mas uma bela e nobre profissão, deve estudar e conhecer a fundo a força e os recursos desse elemento de sua atividade.

A palavra tem uma arte e uma ciência: como ciência, ela exprime o pensamento com toda a sua fidelidade e singeleza; como arte, reveste a idéia de todos os relevos, de todas as graças, e de todas as formas necessárias para fascinar o espírito.

O mestre, o magistrado, o padre, o historiador, no exercício do seu respeitável sacerdócio da inteligência, da justiça, da religião e da humanidade, devem fazer da palavra uma ciência; mas o poeta e o orador devem ser artistas, e estudar no vocabulário humano todos os seus segredos mais íntimos, como o músico que estuda as mais ligeiras vibrações das cordas de seu instrumento, como o pintor que estuda todos os efeitos da luz nos claros e escuros.

Acaso, meu amigo, chamará poeta a um homem que, usando da linguagem sem arte, que, desprezando todas as belezas do estilo, como fez o Sr. Magalhães, apresenta-nos milhares de versos sem harmonia, sem cadência, sem metrificação?

O verso é a melodia da palavra, como a música é a melodia do som: escreva uma multidão de notas sem ligação e sem regra, e fará uma escala, mas não uma harmonia; junte muitos termos sem eufonia, sem modulação, e comporá uma frase de certo número de sílabas, porém nunca um verso.

O Sr. Magalhães no seu poema da *Confederação dos Tamoios* não escreveu versos; alinhou palavras, mediu sílabas, acentuou a língua portuguesa à sua maneira, criou uma infinidade de sons cacofônicos, e desfigurou de um modo incrível a sonora e doce filha dos romanos poetizada pelos árabes e pelos godos.

Se eu quisesse fazer citações para confirmar a verdade de meu dito, teria de transcrever aqui todo o poema, com exceção de bem poucos trechos; e isto seria um trabalho, além de enfadonho, desnecessário, visto que o livro já corre por todas as mãos, e pode ser lido facilmente por aqueles que duvidarem de meu juízo.<sup>47</sup>

Permita-me porém, meu amigo, que volte ao que lhe dizia em princípio, a respeito do homem que faz da palavra uma profissão. Decerto é uma missão

elevada a de dar a essa criação impalpável o poder quase divino de impelir e arrastar a força bruta e inerte.

Entretanto ainda isto não é tudo: quando o homem fala ou escreve a sua convicção, a consciência da verdade lhe serve de inspiração, e transluz na sua linguagem como um reflexo da razão absoluta: o orador, o poeta e o escritor são apóstolos da palavra, e pregam o evangelho do progresso e da civilização.

Mas quando o homem, em vez de uma idéia, escreve um poema; quando da vida do indivíduo se eleva a vida de um povo; quando, ao mesmo tempo historiador do passado e profeta do futuro, ele reconstrói sobre o nada uma geração que desapareceu da face da terra para mostrá-la à posteridade, é preciso que tenha bastante confiança, não só no seu gênio e na sua imaginação, como na palavra que deve fazer surgir esse mundo novo e desconhecido.

Então já não é o poeta que fala; é uma época inteira que exprime pela sua voz as tradições, os fatos e os costumes; é a história, mas a história viva, animada, brilhante como o drama, grande e majestosa como tudo que nos aparece através do dúplice véu do tempo e da morte.

Se o poeta que intenta escrever uma epopéia não se sente com forças de levar ao cabo essa obra difícil; se não tem bastante imaginação para fazer reviver aquilo que já não existe, deve antes deixar dormir no esquecimento os fastos de sua pátria, do que expô-los à indiferença do presente.

Não se evocam as sombras heróicas do passado para tirar-lhe o prestígio da tradição; não se põe em cena um grande homem, seja ele missionário ou guerreiro para dar-lhe uma linguagem imprópria da alta missão que representa.

E entretanto, meu amigo, é isto o que noto em todo o poema do Sr. Magalhães: Anchieta, Nóbrega, Mem de Sá, Salvador Correia, Tibiriçá não se conservam no poema nem mesmo na altura da história, quanto mais da epopéia; Aimbiré é um índio valente, mas não é decerto um herói.

Satanás, o espírito decaído, que o poeta no oitavo canto pretendeu fazer entrar na ação, fica como que por detrás da cortina: é um ator que não sai dos bastidores, ou antes, uma espécie de contra-regra que faz mover os comparsos.

Há um lugar do poema, sobretudo, em que o Sr. Magalhães mostrou que não conhecia essa arte da palavra de que há pouco falamos: é no momento em que os dois missionários, acolhidos no campo dos tamoios, são ameaçados pelos índios.

Nóbrega e Anchieta rezavam, quando entra Parabuçu resolvido a matá-los: os padres, com a resignação de mártires que se sacrificam a uma causa santa, esperam a morte tranqüilamente; essa fé robusta, essa placidez de homens que encaram sorrindo o perigo, impõe respeito ao selvagem, que não se atreve a consumir o seu crime.

O lance é bonito, e um poeta podia tirar dele um efeito magnífico, se soubesse dar-lhe o sentimento, a energia e a expressão que falta no poema, no

qual ele passa despercebido por causa da maneira vulgar e comum com que é traçado.

Com efeito, na ocasião em que a morte o ameaçava, em que a coroa do martírio cingia já a sua cabeça jovem e ardente, Anchieta, o missionário, o poeta, o apóstolo que convertia os selvagens à fé pela força de sua palavra inspirada, não teve outra coisa a dizer senão esses versos:

“Eia Parabuçu! Eis-nos imóveis;  
“Bem nos podes matar como quiseres.”

Esse *bem nos podes*, e sobretudo esse *como quiseres*, comparado com a situação, é quase cômico, e revela uma pobreza de linguagem e de sentimento intolerável em um poema: mesmo num romance o leitor o mais indulgente exigiria mais nobreza e dignidade nas palavras proferidas pelo santo missionário nesse momento supremo.

Mem de Sá, Estácio de Sá, Salvador Correia, os fundadores e o primeiro alcaide do Rio de Janeiro, não merecem uma página do poema; entram apenas como partes mudas no fim da representação, para assistirem ao desfecho. O Sr. Magalhães prefere ocupar-se com um certo Brás Cubas, a propósito de um episódio de vingança, do que descrever-nos esses bustos históricos, que a par de Martim Afonso, formam o frontispício da primeira cidade da América do Sul.

Tibiriçá era um belo tipo que o poeta esboçou toscamente, sem aproveitar toda a riqueza de sentimento e de paixões que lhe oferecia essa natureza virgem, e essa fé ainda recente, mas profunda e inabalável: a luta de sua nova crença com as afeições do passado, essa repulsão mútua da religião e da família, não despertam nenhuma idéia, nenhum lance feliz: o Sr. Magalhães fez, ao contrário, uma criação monstruosa: Tibiriçá convertido, é um selvagem da religião, como antes tinha sido um selvagem da liberdade.

Ele prepara-se a combater seu irmão sem o menor abalo; mata seu sobrinho sem nenhuma emoção; vê impassível os seus antigos companheiros caírem mortos na batalha, ou sofrerem o castigo de escravos: tudo isto lhe é indiferente, a religião parece ter abafado em seu coração todos os nobres sentimentos, e até essa voz do sangue, esse vínculo poderoso que liga os homens da mesma família e da mesma raça.

É, como disse, meu amigo, um selvagem cristão, um verdadeiro fanático: o Sr. Magalhães receu rebaixar o tipo do índio, e dar lugar a que se duvidasse da sua fé, fazendo falar nele alguma vez um impulso nobre e generoso; e por isso tomou o partido de dar ao seu herói um caráter, que estou certo não há de merecer muita simpatia.

Quanto a Aimbiré, que nos seis primeiros cantos representa um papel bem insignificante, no fim do poema revela uma irresolução e uma fraqueza de

espírito que não assenta no protagonista de uma grande ação: vou dar-lhe dois ou três exemplos que confirmam essa minha observação.

O chefe dos tamoios, sequioso de vingança pelo cativo de sua amante; disposto a fazer aos portugueses uma guerra de morte; possuído desse ódio violento que o poeta descreve no canto oitavo,<sup>48</sup> ataca de improviso S. Vicente: parece-lhe que vai arrasar tudo a ferro e fogo.

Pois bem: no mais forte do combate, Anchieta, por uma inspiração, cuja causa e cujo fim é um segredo que o Sr. Magalhães não entendeu dever revelar aos seus leitores, vem entregar Iguaçu ao seu amante: imediatamente soa o sinal da retirada, que *ainda hoje* não se sabe quem deu; e Aimbiré, apesar do seu ódio e da sua vingança, retira-se muito satisfeito, e vai casar-se.

Depois parece ainda firme nos seus sentimentos hostis, e declara que nunca fará paz com os portugueses, a quem tem em conta de maus e traidores<sup>49</sup>; mas chegam Anchieta e Nóbrega, e sem o menor trabalho resolvem o chefe a aceitar a paz, contanto que o deixem gozar tranqüilamente de suas terras do Guanabara.

Não é tudo ainda: Anchieta insiste, porque, além da paz, quer a conversão dos índios; toma então a palavra um francês protestante, e opõe-se ao projeto do missionário; Aimbiré zanga-se, e não quer mais a paz, não promete nada mais, e exige a entrega dos prisioneiros.

Estou longe, meu amigo, de pretender que Aimbiré fosse sábio como Ulisses, e prudente como Enéias; mas é inegável que a fraqueza de caráter, a indecisão, não é própria de um herói, sobretudo de um herói de poema, cuja vontade deve dominar toda a ação dramática ou histórica.

Não cuide que fiz autópsia de todos os personagens do livro do Sr. Magalhães, que os descarnei para fazer sobre eles um estudo de anatomia literária; apresentei-os tais como os encontrei, simples esqueletos, arcabouços informes, que o poeta não quis tomar o trabalho de encarnar, e deixou na sua nudez cronística ou tradicional.

Responda-me agora, meu amigo, se eu tinha ou não razão em dizer-lhe que era impróprio de um poeta arrancar do pó e das ruínas do passado esses bustos nacionais para amesquinhá-los e fazê-los descer do pedestal em que a nossa história os colocou.

Estou bem persuadido que se Walter Scott traduzisse esses versos portugueses no seu estilo elegante e correto; se fizesse desse poema um romance, dar-lhe-ia um encanto e um interesse que obrigariam o leitor que folheasse as primeiras páginas do livro a lê-lo com prazer e curiosidade.

Enfim, meu bom amigo, é preciso concluir esta correspondência, que já está em quinta carta. Acho escusado, depois do estudo moral que acabei de fazer, descer a pequenas coisas, como algumas que já tive ocasião de referir-lhe: o Sr. Magalhães chega até a comparar a sua heroína *indiana* com um *lírio*<sup>50</sup>.

Não posso porém deixar de citar-lhe um verso, irmão de muitos outros, um verso que assentaria bem em alguma sátira de Nicolau Tolentino, mas que um prosador, por pouco amor que tivesse ao seu estilo, não o admitiria em uma descrição poética.

Eis o verso:

Pelos mandiocais e milharadas.

Felizmente, terminando essas observações, em que talvez fosse severo, mas em que a minha consciência não me acusa de haver sido injusto, tenho a satisfação de apontar um verdadeiro trecho de poesia que li no poema: é a descrição do luar na praia de Iperuí, quando Anchieta com a ponta de seu bastão escrevia sobre a areia os versos latinos do poema da Virgindade de Maria.

Senti que o poeta, tendo aproveitado este fato histórico, desprezasse inteiramente a causa que deu lugar a ele e que todos sabem ser o desejo de fortalecer-se e resistir à tentação das virgens índias, que, segundo o costume selvagem, constituíam um dos deveres sagrados da hospitalidade.

Essa castidade do voto, essa pureza ascética em luta com os instintos do homem, com a sedução a mais forte e a mais poderosa, pois era a sedução da inocência, deu a Anchieta a idéia de cantar na língua de Horácio a virgindade de Maria, entretanto que ao Sr. Magalhães não despertou sequer um ligeiro episódio.

Adeus, meu amigo: volto de novo ao meu sossego, e ao meu *dolce far niente*, do qual não devia ter saído. Estou farto de desilusões, e esta última veio fazer-me quase descreer da esperança que tinha de poder um dia trilhar a devesa florida que os mestres abriram na poesia e na literatura pátria a essa mocidade ardente, cheia de seiva e de vida, que por falta de um nobre impulso patinha na prosa de *macadão*, e escreve versos para os álbuns e os dias de anos.

As letras devem ter o mesmo destino que a política, já que os homens de experiência e de talento pararam na sua carreira, como os marcos miliares de uma época que passou, é necessário que a mocidade transponha a barreira, se apodere de todas as forças da sociedade, inocule nelas o seu novo sangue e a sua nova seiva, como as águas do Nilo, que fertilizam com o seu limo as margens inundadas pelas suas águas.

Agora, meu amigo, resta-me avisá-lo de uma coisa: por sua causa escrevi essas cartas; toca-lhe portanto a defesa delas. Aí lhas deixo com todos os seus erros e sensorias: quanto a mim, retiro-me da liça, sempre de viseira baixa.

Não dirão que fujo, visto que deixo por mim um amigo, ou se quiserem, um *alter ego*.

14 de julho

lg